

Duas histórias ao modo de Clarice Lispector

Rafael Cardoso-Ferreira¹
Edgar Cezar Nolasco²

Resumo: Clarice Lispector traduziu, em 1974, o livro *A reneira*, do francês Pascal Lainé. Depois, em 1977, a escritora brasileira publicou o livro *A hora da estrela*. Além de várias outras aproximações possíveis entre os livros, uma que nos chama a atenção dá-se entre as protagonistas femininas Macabéa e Pomme. Priorizando essa aproximação, nosso artigo apontará as semelhanças entre ambas as personagens femininas. Desde já, postulamos que tal aproximação dá-se, principalmente, pela característica física e social das personagens, bem como pelas profissões subalternas desenvolvidas tanto por Macabéa quanto por Pomme. Como se não bastasse, o lugar no qual ambas estão inseridas dentro da sociedade aproxima-as ainda mais. Além dessas supostas aproximações, procuraremos destacar outras que se dão no nível da narrativa.

Palavras-chave: *A hora da estrela*; *A reneira*; Tradução.

Abstract: Clarice Lispector translated, in 1974, the book *A reneira*, of French author Pascal Lainé, in 1977, the Brazilian writer published the book *A hora da estrela*. Besides many others possible approach between these books, the

¹Acadêmico do 4º semestre do Curso de Letras (DLE) do Centro de Ciências Humanas e Sociais (CCHS) da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Bolsista de Iniciação Científica pelo PIBIC/CNPq. Atualmente, desenvolve o plano de trabalho “Entre a reneira e a datilógrafa: Clarice Lispector no limiar da tradução cultural/ficcional” e membro do Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC – UFMS).

²Professor do Curso de Letras (DLE) e do Curso de Pós-Graduação Mestrado em Estudos de Linguagens do Centro de Ciências Humanas e Sociais (CCHS) da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). É coordenador do Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC – UFMS).

one thing that draw our attention is the female protagonists Macabéa and Pomme. Prioritizing this approaching, our article is going to point out the similarity between them. So, we postulate that this approach is, mainly, by physical and social characteristic of these characters, also because of subaltern professions developed as much as Macabéa and Pomme. As if it is not enough, the place where both are insert in the society also approach them. Besides these supposed approaches, we are going to detach others that are on the narrative level.

Keywords: *A hora da estrela; A rendeira;* Translation.

A intelectual tradutora

Traduzir pode correr o risco de não parar nunca: quando mais se revê, mais se tem que mexer e remexer nos diálogos. (Clarice Lispector, Traduzir procurando não trair. In: Outros Escritos, p. 115).

Clarice Lispector sempre teve a consciência crítica aguçada acerca dos processos tradutórios que operacionalizou durante sua vida. Isso fica notório, já que a intelectual afirma sobre “o risco de não parar nunca” (LISPECTOR, 1968), quando ela se lança ao exercício da tradução. Esse risco é tido como o de não parar de escrever e de produzir, tendo em vista que a intelectual traduziu aproximadamente 40 obras, entre as décadas de 1960 e 1970. Quando Clarice diz, “quando mais se revê, mais se tem que mexer e remexer nos diálogos” (LISPECTOR, 1968), deixa-nos entender que quanto mais lê o que traduziu, mais tem a necessidade de mexer na tradução feita (nos diálogos).

O texto intitulado “Tradução e recepção na prática comparatista”, último ensaio do livro *O próprio e o alheio*, de Tânia Franco Carvalhal, deixa explícito como se dá o ato tradutório e o modo como o texto transpõe as fronteiras por meio da tradução feita, sendo essa a primeira função da tradução em si. Carvalhal também discute a tradução enquanto criação literária, como sendo outro texto, mostrando a relação direta entre tradução e Literatura Comparada:

Se evocarmos a etimologia, traduzir, do latim, significa “levar além”. Assim, a primeira função da tradução (e papel dos tradutores) é fazer circular um texto fora da literatura de origem, disseminá-lo, difundi-lo. O tradutor, por vezes designado de “barqueiro” (ele atravessa um rio), possibilita o acesso não só a uma obra literária gerada em outra língua, mas a costumes e princípios que o texto, traduzido, veicula. Essa transposição, que é em si mesma contextual, é também uma prática de produção textual, paralela à própria criação literária. (CARVALHAL, 2003, p. 219).

É essa disseminação, difusão que Clarice Lispector faz, ao traduzir o livro *A rendeira* (1975), valendo-se do papel de tradutor, que como afirma Carvalhal, “é fazer circular um texto fora da literatura de origem”. (CARVALHAL, 2003, p.219). Desenvolvendo esse ato, Clarice faz com que a obra francesa ultrapasse as fronteiras, tanto em relação à língua como a costumes que a tradução veicula.

Aproximações entre: *A hora da estrela* e *A rendeira*

O romance *A hora da estrela* foi lançado no Brasil em 1977, ano da morte de sua autora. Clarice Lispector tem reservas quanto a sua última obra, acha-a artificial e simplificadora. Ao menos é o que nos deixa transparecer na dedicatória do exemplar oferecido à sua amiga e secretária Olga Borelli: “Olga, este livro não é bom, é superficial, mas que é que se há de fazer? A inspiração vinha. Mas a preguiça e o desânimo também. Você é que fustigou minha preguiça e desânimo. Sem você o livro não sairia, você bem sabe disso. Eu não digo ‘obrigada’ porque é pouco. Receba-o com um abraço amigo”. (LISPECTOR, *apud*, GUIDIN, 1998, p. 107).

Podemos nos perguntar sobre o lado superficial que Clarice aponta em seu próprio livro. Talvez essa característica da obra, que desagrade a autora esteja relacionada a uma estrutura clara, a um narrador masculino que a impede de resvalar, a personagens bem delineados. Macabéa, no entanto, parece ser o contraponto para essa superficialidade, pois desarruma tudo com seu jeito “desengonçado” de ser

e de viver. Desnortando a todos, até ela própria, que do Nordeste desceu ao Rio de Janeiro para se perder na cidade grande.

Um outro romance, *A rendeira*, de Pascal Lainé, também apresenta uma moça simples, chamada Pomme. A personagem trabalha num salão de beleza, tem uma vida comum, mas nela há algo de inquietante, que não pode ser explicado nem revelado, segundo o narrador da história.

Ao escrever o livro *A hora da estrela* (1977), Lispector apropria-se de uma tradução feita por ela nos anos 70. Trata-se do romance francês *A rendeira* (1975) de Pascal Lainé, que, conforme mostraremos, pode ter sido tomado como pano de fundo no processo criativo da novela da escritora. Na verdade, defendemos que a referida tradução tenha servido de estofado para a criação do livro brasileiro.

O que Clarice Lispector faz, com maestria, é explorar a angústia que toma conta do ser humano, sua dificuldade em entrar em sintonia com um dia-a-dia que parece confrontar-se com seus sonhos e projetos. Para suas personagens, o viver no mundo é uma grande pergunta, tornando-as seres inquietos, mais ligados a impressões do que a fatos. Como se vê nesta passagem de *A hora da estrela*:

Desculpai-me mas vou continuar a falar de mim que sou meu desconhecido, e ao escrever me surpreendo um pouco pois descobri que tenho um destino. Quem já não se perguntou: sou um monstro ou isto é ser uma pessoa? Quero antes afiançar que essa moça não se conhece senão através de ir vivendo à toa. Se tivesse a tolice de se perguntar “quem sou eu?” provoca necessidade. E como satisfazer a necessidade? Quem se indaga é incompleto. A pessoa de quem vou falar é tão tola que às vezes sorri para os outros na rua. Ninguém lhe responde ao sorriso porque nem ao menos a olham. (LISPECTOR, 1998, p.15)

Pensando especificamente no campo da Literatura Comparada e como a mesma articula a teoria da tradução numa perspectiva comparativista, atentemos para dois textos teóricos sobre o assunto. O primeiro trata-se do texto de Eneida Maria de Souza, intitulado

“Tradução e intertextualidade”, que se encontra no livro *Traço crítico* (1993). No texto, Souza mostra-nos como a teoria da tradução chegou ao campo da teoria literária. Embasada principalmente no que postula Haroldo de Campos, Souza enfatiza que a tradução está inerentemente amarrada à tradição cultural. Também não deixa de esclarecer que tradução e antropofagia são intrínsecas, ou seja, estudar a tradução é também uma forma de se estudar como uma cultura, um texto alheio traduzido contamina o outro. A autora deixa claro que a teoria da tradução, a começar pelo título do artigo, demanda e reforça a prática de uma visada transdisciplinar e transcultural exigida pela Literatura Comparada e depois pelos Estudos Culturais.

O segundo texto é o de Tânia Franco Carvalhal, intitulado “Tradução e recepção na prática comparatista”, último ensaio do livro *O próprio e o alheio*. Totalmente centrada numa perspectiva comparatista, Carvalhal discute a tradução como criação literária (Campos), a tradução como um outro texto, mostra a relação direta entre tradução e Literatura Comparada, discute a relação entre tradução e tradição para que no final do texto aproxime a prática da tradução de uma prática comparatista. Enfim, o ensaio de Carvalhal resume de forma feliz o que de melhor se pensou no Brasil na última década sobre a importância da tradução no campo da Literatura Comparada.

A relevância do trabalho efetuado por Clarice Lispector resume-se, como Carvalhal relata no ensaio mencionado acima, não só pela quantidade de obras “traduzidas”, mas também pelas práticas empreendidas: ora Clarice simplesmente “traduz”; ora faz adaptações literais; ora reescreve completamente algumas obras; ora recria baseado em obra alheia. Ao agir assim, Clarice não só embaralha os processos tradutórios com os processos de criação, como subverte a noção de autoria. Na esteira desse pensamento, citamos Carvalhal à medida que a autora afirma como o processo tradutório interfere na própria criação literária: “Toda tradução

literária é uma das possíveis versões de um das possíveis versões de um texto original. Assim, sendo o novo texto, é ainda o texto anterior". (CARVALHAL, 2003, p.227)

A tradução, que não mais é, do que uma prática das diferenças entre línguas, entre povos e entre culturas, pode ser comparada à desconstrução derridaiana, na medida em que ambas tratam da questão diferencial que se impõe na significação (tradutória). Nesse sentido, vale a pena transcrever uma passagem de Derrida, do texto "Carta a um amigo japonês" (2005) no qual o filósofo propõe explicar ao amigo as impossibilidades da tradução mesma da palavra desconstrução. O interessante é que ao fazer isso, Derrida vincula para sempre a palavra desconstrução à palavra tradução:

Então, a questão seria: o que a desconstrução não é? ou, melhor dizendo, o que deveria não ser? Sublinho essas palavras ("possível" e "deveria"). Pois se podemos antecipar as dificuldades de tradução (e a questão da desconstrução é também de um lado a outro a questão da tradução e da língua dos conceitos, do corpus conceitual da metafísica dita "ocidental"), não deveria começar por acreditar, o que seria ingênuo, que a palavra "desconstrução" é adequada, em francês, a alguma significação clara e unívoca (Apud Ottoni, 2005, p.11 – 12).

Com base no que afirma Derrida, Ottoni observa que "a tradução e a desconstrução caminham juntas e se (con)fundem em alguns momentos para revelar o mistério da significação, e, se levarmos ao extremo, podemos fazer de uma o sinônimo da outra" (Ottoni, 2005, p.12). Ou seja, ao falar ao amigo da impossibilidade de se traduzir a palavra desconstrução e ao mesmo tempo traduzindo-a, Derrida mostra como uma palavra é substituível por outra numa mesma língua ou entre uma língua e outra, numa cadeia de substituições evidenciando e praticando a diferença. (Cf. Ottoni, 2005, p. 12).

São inquestionáveis as semelhanças ente *A rendeira* (1975) e *A hora da estrela* (1977), mas o que nos chama a atenção são as formas similares existentes entre as protagonistas das histórias: Pomme, de

A rendeira, Macabéa, de *A hora da estrela*. Como acontece no decorrer da narrativa de *A rendeira* (1975), em que Pomme se apaixona por um estudante de Letras, Aimery, que será seu namorado por toda a narrativa. Apesar de perceber em Pomme certa sensibilidade, que Olímpico, namorado de Macabéa, de *A hora da estrela* (1977), não sentia na jovem alagoana, havia algo indecifrável que irritava profundamente ambos os namorados e os narradores das histórias. Aimery brigava com Pomme, por ela não exigir nada dele, e também por não dar o valor requerido pelo namorado. O que confundia o jovem era a dureza com que Pomme se comportava, ora ela queria jantar-se ao namorado e ao mesmo tempo não estava com vontade comer nada. Esse aborrecimento de Aimery pode ser observado na seguinte passagem: “Acendia um Gitane com filtro. Agora, evitava passar com ela longos momentos de lazer, por causa desses silêncios, dela, dele, e dela ainda”. (LAINÉ, 1975, p. 88 – 89).

Já no tocante a Macabéa, a protagonista de *A hora da estrela*, Olímpico reclama de seu silêncio, que até depois de um lindo passeio no Jardim Zoológico, sua namorada nem abria a boca, nem se quer um momento para reclamar ou para dizer sobre o passeio. Deixa-nos claro a “cólera” que Olímpico tinha por Macabéa: Depois da chuva do Jardim Zoológico, Olímpico não foi mais o mesmo: desembestara. E sem notar que ele próprio era de poucas palavras como convém a um homem sério, disse-lhe: - Mas puxa vida! Você não abre o bico e nem tem assunto! (LISPECTOR, 1998, p.55).

Esse silêncio alienante que marca as protagonistas faz com que Olímpico e Aimery, apesar de opostos entre si, tenham sensações análogas perante as ações ou “não-ações” das namoradas. Contudo, no caso de Macabéa, a irritação do namorado é tão grande que ele pergunta: “(...) escuta aqui: você está fingindo que é idiota ou é idiota mesmo?”. (LISPECTOR, 1998, p.56).

O ato de ter traduzido interferiu significativamente no projeto literário de Clarice Lispector. Exemplo notório é a epígrafe com que Lainé

abre seu livro, traduzido por Clarice Lispector, ao escrever o livro *A hora da estrela* em 1977, a intelectual possivelmente usa essa epígrafe para desenvolver a protagonista da história, temos então a epígrafe:

Um ser que nem pode falar nem ser dito, que desaparece em voz na massa humana, pequeno rabisco nos quadros da História, um ser como um floco de neve perdido em meio pleno verão, será ele realidade ou sonho, bom ou mau, necessário ou sem valor? (MUSIL apud LAINÉ, 1975, p.7 – grifos nossos).

Esse ser “sem voz”, “um pequeno rabisco” que “não pode ser dito”, está indiscutivelmente disseminado na construção da protagonista de *A hora da estrela* (1977), que tinha apenas “seu sexo como marca veemente de sua existência”, e, mais, como disse a própria Clarice/Rodrigo S.M., *A hora da estrela* “é um livro feito sem palavras. É uma fotografia muda. Este livro é um silêncio”. (LISPECTOR, 1998, p.17).

No decorrer do livro, Lispector, por meio de Rodrigo S.M., queixa-se ou muitas vezes deixa pistas do diálogo posto em prática com a obra traduzida. Pois como disse Clarice/Rodrigo S.M.: “Eu não inventei essa moça. Ela forçou sua existência dentro de mim” (LISPECTOR, 1998, p. 29). Nessa passagem vemos que a intelectual deixa “pistas” visíveis de que esta “existência forçada” é também advinda de sua atividade tradutória. Carvalhal afirma no texto “Tradução e recepção na prática comparatista” essa influência de as traduções literárias intervêm no papel do intelectual: “Não há dúvida de que a tradução alimenta a criação literária. Isto ocorre tanto na perspectiva de que as traduções literárias enriquecem os sistemas que integram como também o trabalho individual do escritor”. (CARVALHAL, 2003, p.222)

Além de Pomme e Macabéa apresentarem características comuns, a narrativa dos dois romances é quase a mesma. Pomme e Macabéa vivem desajustadas, estão despreparadas para o mundo que as cerca. Diríamos que Macabéa ainda mais, pela dura realidade a que é exposta na vida social brasileira: órfã de pai e mãe, é criada por

uma tia no Nordeste, no Estado de Alagoas. Pomme também tem uma infância difícil: é filha de uma mulher pobre, abandonada pelo marido, e que, além de garçoneiro em um bar, prostituía-se aos clientes para segurar o emprego.

Pomme e Macabéa, ambas as personagens vivem de formas desajeitadas, o que vemos é a miséria a que elas estão destinadas, sem que haja qualquer saída para os obstáculos postos pela narrativa. No tocante às profissões subalternas das protagonistas, Macabéa não chega a ser uma rendeira daquelas de mão cheia, como há no Nordeste, como Pomme é descrita no livro *A rendeira* (1975), Macabéa em *A hora da estrela* (1977) é apenas uma cerzideira:

A moça tinha ombros curvos como os de uma cerzideira. Aprendera em pequena a cerzir. Ela se realizaria muito mais se desse ao delicado labor de restaurar fios, quem sabe se de seda. Ou de luxo: cetim bem brilhoso, um beijo de almas. Cerzideirinha mosquito. Carregar em costas de formiga um grão de açúcar. Ela era de leve como uma idiota, só que não o era. Não sabia que era infeliz. É porque ela acreditava. Em quê? Em vós, mas não é preciso acreditar em alguém ou em alguma coisa - basta acreditar. Isso lhe dava às vezes um estado de graça. Nunca perdera a fé. (LISPECTOR, 1998, p.26)

No final das narrativas as duas personagens têm destino em comum: Macabéa recorre a uma cartomante (a conselho de Glória), que prevê para ela um futuro promissor, o encontro de um estrangeiro rico que vai amá-la; ao deixar a cartomante, vê um Mercedes vindo em sua direção e compreende que as previsões começam a acontecer, o moço loiro dirigindo o carro veio buscá-la. Mas o carro não para e Macabéa é atropelada.

O destino de Pomme parece menos trágico: deixa o pequeno apartamento do estudante parisiense e volta para a casa da mãe. Perde o apetite e o brilho das bochechas lisas como a casca de uma maçã, detalhe de seu corpo que explica seu apelido; adocece gravemente e um dia cai também no meio da rua. Um carro é obrigado a parar para não atropelá-la. Pomme é internada em uma clínica psiquiátrica,

onde recebe, mais tarde, a visita de Aimery. Ele reconhece ainda seu olhar de rendeira, bordadeira ou carregadora de água.

Em *A rendeira*, Pomme é descrita por alguém que tenta perscrutá-la, tentando adivinhar sua maneira de sentir. Com Clarice, a “pobre-de-espírito” é revelada em sua crueza. O narrador, um intelectual, fica dividido em relação a Macabéa. Ela o perturba porque o obriga a rever-se, a questionar seu papel social. Mas por trás dele temos a própria Clarice, misto de pesquisadora densa da alma humana diante do mundo. Dessa forma, ela encontra um campo comum, uma irmandade com a personagem, tão diferentes e tão próximas ao mesmo tempo.

Tendo por fim nosso ensaio, queremos deixar explícito que a visada crítica centra-se na prática da tradução levada a cabo pela intelectual Clarice Lispector, entre os anos de 1974 e 1976, com a finalidade maior de perceber como a mesma alterou o projeto literário da escritora. Postula-se que, devido suas condições financeiras, a escritora foi levada a traduzir de tudo o que aparecia em sua frente, claro que a pedido de editores, inclusive alguns amigos dela. Desse modo, traduzindo textos dos mais diferentes gêneros e assuntos, atentamos para o fato de que sua última produção passa a sofrer significativa influência, mesmo que de forma *inconsciente* por parte da autora. A título de ilustração, um dos melhores livros escritos à época, *A hora da estrela* (1977), nada mais é como já dissemos, *grosso modo*, que uma releitura, uma reescritura do livro *A rendeira* (1974), de Pascal Lainé, traduzido por Clarice em 1975.

Referências

- CARVALHAL, Tania Franco. *O próprio e o alheio: ensaios de literatura comparada*. In CARVALHAL, T. F. Tradução e recepção na prática comparatista. São Leopoldo: editora Unisinos, 2003. P. 217 – 259
- DERRIDA, Jacques. Carta a um amigo japonês. In: OTTONI, Paulo. *Tradução: a prática da diferença*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2005. p. 21 – 27.
- _____. Teologia da tradução. In: OTTONI, Paulo. *Tradução: a prática da diferença*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2005. p. 155 - 174.
- GOTLIB, Nádia Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. 4ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1995.
- GUIDIN, Márcia Lígia. *Roteiro de leitura: A hora da estrela* de Clarice Lispector. São Paulo: Ática, 1998.
- LAINÉ, Pascal. *A rendeira*. Trad. Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.
- LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- _____. *A hora da estrela*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- _____. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- LISPECTOR, Clarice. Traduzir procurando não trair. In: *Outros Escritos*, Rio de Janeiro: Rocco, 2005. Revista Jóia, n. 177, Rio de Janeiro, maio de 1968.
- NOLASCO, Edgar Cézár. “Clarice Lispector tradutora”. In: Revista CERRADOS: Universidade de Brasília, n24, ano 27, 2007, p.263-272.
- SOUZA, Eneida Maria de. *Traço crítico*. In SOUZA, E. M. Tradução e intertextualidade. Belo Horizonte: Editora da UFMG; Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1993. P. 35 – 41.

